

DOMINGO XI DO TEMPO COMUM

CIC 543-546: o anúncio do Reino de Deus

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel¹, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações². Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»³.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁴. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes⁵. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome⁶, a sede⁷ e a indigência⁸. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino⁹.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁰. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹¹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹². Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹³, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁴. As palavras não bastam, exigem-se actos¹⁵. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou

¹ Cf. Mt 10, 5-7.

² Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁴ Cf. Lc 7, 22.

⁵ Cf. Mt 11, 25.

⁶ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

⁷ Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

⁸ Cf. Lc 9, 58.

⁹ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁰ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-32.

¹² Cf. Mc 4, 33-34.

¹³ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁴ Cf. Mt 13, 44-45.

¹⁵ Cf. Mt 21, 28-32.

como terra boa?¹⁶ Que faz ele dos talentos recebidos?¹⁷ Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático¹⁸.

CIC 2653-2654, 2660, 2716: a escuta da Palavra faz crescer o Reino de Deus

2653 A Igreja «exorta com ardor e insistência todos os fiéis [...] a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” pela leitura frequente das divinas Escrituras [...]. Lembrem-se, porém, de que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem, porque “a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”»¹⁹.

2654 Os Padres espirituais, parafraseando Mt 7, 7, resumem assim as disposições do coração, alimentado pela Palavra de Deus na oração: «Procurai na leitura e achareis na meditação; batei à porta na oração e ela abrir-se-vos-á na contemplação»²⁰.

2660 Orar nos acontecimentos de cada dia e de cada instante é um dos segredos do Reino, revelados aos «pequeninos», aos servos de Cristo, aos pobres das bem-aventuranças. É justo e bom orar para que a vinda do Reino da justiça e da paz influencie a marcha da história; mas também é importante levar pela oração a massa das humildes situações quotidianas. Todas as formas de oração podem ser esse fermento a que o Senhor compara o Reino²¹.

2716 A contemplação é *escuta* da Palavra de Deus. Longe de ser passiva, esta escuta é obediência da fé, acolhimento incondicional do servo e adesão amorosa do filho. Participa do «sim» do Filho que se fez Servo e do «*faça-se*» da sua humilde serva.

¹⁶ Cf. Mt 13, 3-9.

¹⁷ Cf. Mt 25, 14-30.

¹⁸ Cf. Mt 13, 10-15.

¹⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 25: AAS 58 (1966) 829; cf. SANTO AMBRÓSIO, *De officiis ministrorum*, 1, 88: ed. N. TESTARD (Paris 1984) p. 138 (PL 16, 50).

²⁰ GUIGO, o CARTUXO, *Scala claustralium*, 2, 2: PL 184, 476. Entretanto, estas palavras não foram retidas no texto da edição crítica SC 163, 84; veja-se aí o aparato crítico.

²¹ Cf. Lc 13, 20-21.